

JOJO MOYES

*Viver
Sem Ti*

Tradução de Ana Maria Chaves
e Márcia Montenegro

1

O homem corpulento sentado no extremo do balcão está a suar, de cabeça debruçada sobre um uísque duplo, mas olha constantemente para trás, na direção da porta. Uma fina camada de suor brilha intensamente sob a luz. Deixa escapar um sopro longo e trémulo, disfarçado de suspiro, e vira-se novamente para a bebida.

– Ei, por favor?

Paro de limpar os copos e levanto o olhar.

– Pode servir-me mais um?

Apetece-me dizer-lhe que não é de todo boa ideia, que não vai ajudar em nada e que depois talvez até ultrapasse o limite de álcool permitido a bordo. Mas ele é mesmo corpulento e, além disso, faltam apenas quinze minutos para fechar o bar e, de acordo com as orientações da empresa, não tenho qualquer razão para lhe dizer que não; por isso, vou ter com ele, pego no copo e ergo-o até ao suporte das garrafas. Ele acena.

– Duplo – sublinha, passando a mão gorda pelo rosto húmido.

– São sete libras e vinte, por favor.

É terça-feira à noite, um quarto para as onze, e o Shamrock and Clover, o bar de inspiração irlandesa do Aeroporto da Cidade de Londres, que é tão irlandês como o Mahatma Gandhi, está prestes a fechar. Encerrará dentro de dez minutos, depois de o último avião levantar voo, e, neste momento, apenas nos encontramos ali, um jovem concentrado no seu portátil, umas mulheres a tagarelar na mesa 2 e o homem que está a beber um uísque duplo à espera do SC107 para Estocolmo ou do DB224 para Munique – este último tem um atraso de quarenta minutos.

Eu estou a trabalhar desde o meio-dia, pois a Carly ficou com dores de estômago e foi para casa. Não me importo. Nunca me importo de ficar até tarde. A cantarolar baixinho ao som de *Celtic Pipes of the Emerald Isle, Vol. III*, vou levantar os copos das duas mulheres, de olhos colados a um vídeo no telemóvel. Riem por tudo e por nada, como quando já se tem um copo a mais.

– A minha neta, de cinco dias – diz a loura, quando me apromximo da mesa para levar o copo.

– Tão linda – digo com um sorriso. Para mim, todos os bebés parecem pãezinhos doces.

– Vive na Suécia. Nunca lá fui, mas agora tenho de ir ver a minha primeira neta, não é?

– Estamos a beber à saúde dela. – E desatam novamente a rir.
– Venha brindar connosco. Vá lá, faça uma pausa de cinco minutos. Senão não vamos conseguir terminar a garrafa a tempo.

– Ups! Lá vamos nós. Anda, Dor. – Avisadas por um ecrã, pegam nas suas coisas e talvez só eu repare num ligeiro cambaleio, enquanto se dirigem para o controlo de segurança. Coloco os copos em cima do balcão e dou uma vista de olhos pela sala à procura de mais alguma coisa para lavar.

– Então, nunca se sentiu tentada? – diz a mulher mais baixa, voltando atrás para ir buscar o cachecol.

– Desculpe?

– A ir até lá abaixo no fim do turno e apanhar um avião. Era o que eu faria. – E solta mais uma risada. – Todos os dias.

Sorriso, um daqueles sorrisos profissionais que podem querer dizer tudo e nada, e volto para trás do balcão.

Em redor, as lojas começam a encerrar, portadas metálicas a descer com estrépito sobre as malas caríssimas e os *Toblerones* que servem de presente de última hora. As luzes apagam-se subitamente nas portas de embarque 3, 5 e 11, com os últimos passageiros do dia a desaparecerem no céu noturno. Violet, a empregada de limpeza congoleza, empurra o carrinho na minha direção, num passo lento e bamboleante, com os sapatos de sola de borracha a chiarem no mármore brilhante.

– Boa noite, querida.

– Boa noite, Violet.

– Não devia ficar aqui até tão tarde, minha querida. Devia estar em casa com quem ama.

Diz-me exatamente o mesmo todas as noites.

– Agora já falta pouco – respondo-lhe eu todas as noites, com estas mesmas palavras. Ela abana a cabeça, satisfeita, e segue o seu caminho.

O Jovem Concentrado no Seu Portátil e o Bebedor de Uísque Suado já se foram embora. Acabo de empilhar os copos, fecho as contas, conferindo duas vezes até o registo do rolo da caixa registadora corresponder ao dinheiro que está dentro da gaveta. Aponto tudo no livro-razão, confiro as bebidas e anoto o que é preciso voltar a encomendar. É nessa altura que reparo que o casaco do homen-zarrão continua pendurado no banco alto. Vou buscá-lo e olho para o monitor. O embarque do voo para Munique já devia estar a decorrer, caso me sentisse tentada a levar-lhe o casaco. Olho de novo e depois dirijo-me lentamente para a casa de banho dos homens.

– Está aí alguém?

Lá de dentro vem uma voz abafada, com um certo tom de histeria. Empurro a porta.

O Bebedor de Uísque está debruçado sobre os lavatórios a atirar água para a cara. Branco como a cal.

– Estão a chamar para o meu voo?

– Acabaram de o anunciar. Ainda deve ter mais uns minutos. – Preparo-me para sair, mas algo me detém. O homem está a olhar-me fixamente e os seus olhos são dois pequenos botões de ansiedade. – Não consigo – diz ele, pegando em toalhas de papel e enxugando a cara. – Não consigo entrar no avião.

Fico à espera.

– Tenho de ir conhecer o meu novo patrão, mas não consigo. Não tive coragem de lhe dizer que tenho medo de andar de avião. – Abana a cabeça. – Não é medo. É pavor.

Deixo que a porta se feche atrás de mim.

– Qual é o seu novo emprego?

Ele pestaneja.

– Ah... peças de automóvel. Sou o novo diretor regional, abrir parênteses Peças Sobressalentes fechar parênteses, da Hunt Motors.

– Parece um cargo importante – digo eu. – De categoria... com parênteses e tudo.

– Esforcei-me muito para chegar aqui. – Engole em seco. – É por isso que não quero morrer numa bola de chamas. Não quero mesmo morrer numa bola de chamas voadora.

Sinto-me tentada a dizer-lhe que, na verdade, não seria uma bola de chamas voadora, mas antes uma bola de chamas em queda livre, mas achei que não ia ajudar muito. Ele volta a lavar a cara e eu dou-lhe outra toalha de papel.

– Obrigado. – Deixa escapar um suspiro trémulo e endireita-se, tentando recompor-se. – Aposto que nunca tinha visto um homem adulto comportar-se assim como um idiota, pois não?

– Cerca de quatro vezes por dia.

Os seus olhos pequeninos tornam-se maiores.

– Tenho de vir cerca de quatro vezes por dia tirar alguém da casa de banho dos homens. E normalmente é por medo de andar de avião.

Ele pestaneja.

– Mas sabe uma coisa? Como digo a todos os outros, nunca caiu nenhum avião que tivesse partido deste aeroporto.

Ele endireita-se rapidamente.

– A sério?

– Nem um.

– Nem sequer um pequeno acidente na pista de descolagem?

Encolho os ombros.

– Na verdade, é tudo muito chato por aqui. As pessoas partem, vão para os seus destinos e regressam alguns dias depois. – Encosto-me à porta para a abrir. Estes lavabos nunca cheiram bem à noite.

– E de qualquer forma, na minha opinião, acho que lhe podiam acontecer coisas piores.

– Bem, lá isso é verdade. – Fica a pensar e olha-me de soslaio.

– Quatro por dia, hein?

– Às vezes mais. Mas agora, se não se importa, tenho mesmo de me ir embora. Não é bom que me vejam sair tantas vezes da casa de banho dos homens.

O homem esboça um sorriso e, por instantes, consigo imaginá-lo noutras circunstâncias. Um homem entusiástico por natureza. Um homem alegre. Um craque da produção europeia de peças de automóveis. – Olhe, acho que ouvi chamar para o seu voo.

– Acha que vai correr tudo bem?

– Claro que sim. É uma companhia aérea muito segura. E só vai ocupar duas horas da sua vida. Veja bem, o SK491 aterrou há cinco minutos. Quando se dirigir para a sua porta de embarque vai cruzar-se com os assistentes de bordo que estão a chegar e repare como vêm todos a conversar e a rir. Para eles, voar é praticamente o mesmo que andar de autocarro. Alguns fazem isto duas, três, quatro vezes por dia. E olhe que não são estúpidos. Se não fosse seguro, não andariam nesta vida, não acha?

– Como viajar de autocarro – repete ele.

– Provavelmente, até bem mais seguro.

– Bem, isso é verdade – diz ele, arqueando o sobrolho. – Há muitos idiotas por essas estradas.

Confirmo com um aceno.

Ele endireita a gravata.

– E é um trabalho importante.

– Seria uma pena perdê-lo por tão pouco. Mal se habitue a estar lá em cima, já se vai sentir melhor.

– Talvez. Obrigado...

– Louisa.

– Obrigado, Louisa. É uma pessoa muito amável. – E lança-me um olhar perscrutador. – Não sei se... gostaria... de ir tomar um copo um dia destes?

– Acho que estou a ouvir chamar para o seu voo – digo eu, abrindo a porta para o deixar passar.

Ele meneia a cabeça, para disfarçar o embaraço, e começa a bater com as mãos nos bolsos, inquieto.

– Pois. Claro. Bem... cá vou eu.

– Tire partido dos tais parênteses.

Só dois minutos depois de ele se ter ido embora é que reparo que a terceira casa de banho está toda vomitada.

Chego a casa à uma e um quarto da manhã e entro no apartamento silencioso. Visto as calças de pijama e uma *sweatshirt* com capuz, abro o frigorífico, tiro uma garrafa de vinho branco e encho um copo. Está tão azedo que até os lábios se contraem, e afundo-me numa cadeira com o copo na mão. Em cima da lareira estão dois postais. Um é dos meus pais, a desejarem-me um feliz aniversário. Aquelas «felicidades» da minha mãe são tão incisivas como uma punhalada. O outro é da minha irmã a sugerir vir até cá passar o fim de semana com o Thom. É de há seis meses. Duas mensagens de voz no telefone, uma do dentista. A outra não.

Olá, Louisa. É o Jared. Encontrámo-nos no Dirty Duck. Quer dizer, curtimos [riso abafado e estranho]. É que... sabes... eu gostei. E pensei que talvez pudéssemos repetir? Tens o meu número...

Quando já não resta nada na garrafa, penso na hipótese de ir comprar outra, mas não me apetece voltar a sair. Não quero que o Samir, da mercearia que está aberta vinte e quatro horas, diga uma das suas piadas sobre as minhas intermináveis garrafas de *Pinot Grigio*. Não quero falar com ninguém. Subitamente, sinto-me exausta, mas com aquele tipo de cansaço que me deixa um zumbido na cabeça e me diz que, se for para a cama, não vou conseguir dormir. Recordo por momentos o Jared e lembro-me de que tinha as unhas estranhamente bem tratadas. Estarei eu preocupada com unhas estranhamente bem tratadas? Olho para as paredes vazias da sala e apercebo-me de que o que eu realmente preciso é de ar. Preciso mesmo de ar. Abro a janela do *hall* e subo, vacilante, as escadas da saída de emergência até ao terraço no telhado.

A primeira vez que aqui vim, já lá vão nove meses, o agente imobiliário mostrou-me um pequeno jardim que os anteriores inquilinos tinham feito no terraço, com algumas floreiras metálicas dispersas e um pequeno canteiro.

– Não é oficialmente seu, como é óbvio – dissera ele –, mas o seu apartamento é o único com acesso direto a este espaço. Acho-o bastante simpático. Pode até dar uma festa aqui em cima! – Olhei-o

muito séria, perguntando-me se terei realmente ar de quem dá festas.

Há muito que as plantas murcharam e morreram. Ao que parece, não tenho muito jeito para cuidar das coisas. Estou agora no terraço, a olhar lá para baixo, para a escuridão bruxuleante de Londres. À minha volta há milhões de pessoas que vivem, respiram, comem, discutem. Milhões de vidas completamente alheias à minha. Sinto uma estranha forma de paz.

As luzes cintilam na cidade, enquanto os sons dominam a noite: motores a rugir, portas a bater. Alguns quilómetros mais a sul, ouve-se o ruído surdo e austero de um helicóptero da polícia que aponta um foco de luz para a escuridão de um parque à procura de um patife qualquer desaparecido. Algures, ao longe, uma sirene. Há sempre uma sirene.

– Não vai ser difícil transformar este apartamento no seu lar – dissera o agente imobiliário.

Quase soltei uma gargalhada. A cidade continua a ser, para mim, tão estranha como sempre foi. Mas, no fundo, todos os locais o são ultimamente.

Primeiro hesito, mas depois acabo por subir ao muro do terraço, de braços abertos, como uma equilibrista ligeiramente embriagada. Pousando um pé diante do outro, desloco-me ao longo do muro de betão, com a aragem a eriçar-me os pelos dos braços estendidos. Quando me mudei para aqui, nos momentos em que me sentia pior atrevia-me a atravessar o meu prédio de um lado ao outro. E quando chegava ao outro lado, ria-me para a noite. *Estás a ver? Estou aqui – viva – e mesmo no limite. Estou a fazer o que me disseste para fazer!*

Tornou-se um hábito secreto, eu, a linha do horizonte da cidade, o conforto da escuridão, o anonimato e a certeza de que aqui em cima ninguém sabe quem sou. Ergo a cabeça, sentindo a brisa da noite, e ouço risos nos apartamentos em baixo, o ruído abafado de uma garrafa a partir-se, vejo o trânsito a serpentear em direção à cidade, numa interminável corrente vermelha de luzes, um fluxo de sangue automóvel. Só o período que decorre entre as três e as cinco horas da manhã é relativamente tranquilo, depois de os bêbedos terem aterrado na cama, os chefes dos restaurantes terem despedido

os uniformes, os bares terem fechado as portas. O silêncio dessas horas só é esporadicamente interrompido pelos camiões-cisterna, pela abertura da padaria judaica aqui na rua, pelo baque suave dos fardos dos jornais deixados pelas carrinhas de distribuição. Conheço os movimentos mais subtis da cidade porque já não estou a dormir.

Algures lá em baixo, o White Horse continua a vender álcool à porta fechada, cheio de malta da zona e de *hipsters*, e um casal está a discutir em plena rua. Do outro lado da cidade, o hospital central está a tentar recuperar os doentes, os feridos e aqueles que sobreviveram a mais um dia. Aqui em cima, só ar, escuridão e, algures, o avião de mercadorias da FedEx que saiu do Aeroporto de Heathrow rumo a Beijing, e os incontáveis viajantes, como o Bebedor de Uísque, a caminho de outros lugares.

– Dezoito meses. Dezoito meses completos. Quando será suficiente? – digo para a escuridão. E cá está ele... este sentimento em crescendo, esta raiva inesperada. Dou mais dois passos, a olhar para os pés. – É que isto não me parece que seja viver. Não me parece mesmo nada.

Dois passos. Mais dois. Esta noite vou até à esquina.

– Não foi uma maldita vida nova que tu me deste, pois não? Nem por isso. Limitaste-te a acabar com a minha antiga vida. Destruíste-a. E o que vou eu fazer agora com o que restou? Quando é que vai parecer que... – Estico os braços, sentindo o ar frio da noite na pele e apercebo-me de que estou novamente a chorar. – Vai-te lixar, Will – digo, num sussurro. – Vai-te lixar por me teres abandonado.

A dor assola-me de novo, como uma onda súbita, intensa, avassaladora. E quando me sinto a afundar nela, uma voz diz-me, por entre as sombras:

– Acho que não devias estar aí.

Dou meia-volta e vislumbro de relance um rosto pequeno e pálido na saída de emergência, com uns olhos escuros esbugalhados. Com o susto, escorrega-me um pé e, de repente, o peso do meu corpo fica a pender para o lado errado. O meu coração precipita-se, segundos antes de o corpo o seguir. E nesse momento, como num pesadelo, sinto-me imponderável no abismo da noite, com as pernas a balançar

acima da cabeça, enquanto ouço um grito lancinante que bem pode ser meu...

Pum

E depois tudo fica negro.